



## GT 33. Enlaces e emaranhados: antropologia, etnografia e culturas populares

### Coordenador(es):

Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Antonio Maurício Dias da Costa (UFPA - Universidade Federal do Pará)

### Sessão 1 - Cultura Popular: narrativas e interpretações

**Debatedor/a:** Renata de Sá Gonçalves (UFF - Universidade Federal Fluminense)

### Sessão 2 - Cultura, Folclore e Patrimônio

**Debatedor/a:** Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

**Debatedor/a:** Antonio Maurício Dias da Costa (UFPA - Universidade Federal do Pará)

O grupo visa investigar diferentes construções discursivas nos estudos das culturas populares. Busca alargar nossa compreensão de tais estudos ao refletir sobre os enlaces e emaranhados existente entre literatos, antropólogos, estudiosos do folclore, promotores de festejos e de folguedos e demais agentes que ajudaram a um só tempo a conhecer novas realidades e a produzir visões mais ou menos canônicas a seu respeito. Desde os anos 1980, a experiência etnográfica reconfigurou-se na antropologia com a associação mais crítica da pesquisa de campo a sua resultante apresentação escrita. Questionaram-se hierarquias entre pesquisadores e sujeitos enfocados; reconheceram-se estratégias narrativas e recursos ficcionais nos textos produzidos. Com esse ponto de partida, enfocamos a presença da perspectiva etnográfica nos estudos antropológicos das culturas populares, problematizando seus enquadramentos conceituais - arcaísmo, primitivismo, sobrevivência; cooptação, resistência, resgate; dinâmica, circuito ou patrimônio culturais; conhecimentos e territórios tradicionais, entre outros. Por culturas populares entendemos um ambiente sociocultural heterogêneo com especificidades históricas, regionais, religiosas, étnico-raciais, no qual estão em jogo mediações, inovações e múltiplas redes de relação e trocas culturais, distintas formas rituais e expressivas. Trata-se, entretanto, de focar especialmente os registros documentais e a produção bibliográfica resultante de tais estudos.

### **?Maracatu? com aspas: interlocuções, essencializações, reificações, tensões e disputas em torno de categorias de uma expressão da cultura popular**

**Autoria:** Leonardo Leal Esteves (UFS - Universidade Federal de Sergipe)

Neste work procuro discutir como categorias utilizadas para designar determinadas expressões da cultura popular são resultados de múltiplas interlocuções, essencializações, reificações, tensões e disputas históricas envolvendo diversos atores sociais. A compreensão acerca do chamado ?maracatu de baque virado ou ?maracatu nação?, por exemplo, a despeito da diversidade de práticas e sentidos, caráter processual, complexidade, circularidades e múltiplas apropriações em torno desta manifestação, passou a estar associada a uma narrativa extremamente colonialista que foi sendo elaborada e que se tornou mais ou menos canônica ao longo do tempo. Segundo a historiografia oficial, o termo ?maracatu? está associado às cerimônias de Coroação de Reis do Congo registradas no Século XVIII e XIX por viajantes, como Henry Kostner (2005). Segundo autores, como Guerra-Peixe (1980), Katarina Real (2001), Gilberto Freyre (2004), Pereira da Costa (2005), as Irmandades do Rosário dos Homens Pretos costumavam nomear um rei entre seus integrantes para que ele mantivesse a ?ordem? entre os negros e servisse como um intermediário entre estes e os seus senhores. Essas cerimônias de coroação eram acompanhadas de um Auto dramático e



seguidas de batuques e danças que, em Pernambuco, teria dado origem ao maracatu. A expressão “baque virado”, que passou a estar relacionada aos maracatus em Pernambuco, remete ao tipo de musicalidade executada nesta manifestação cultural (Assis, 1996; Carvalho, 2007; Guerra-Peixe, 1980). O termo “nação”, veio a estar associado às comunidades religiosas que alguns de seus participantes estariam vinculados, bem como às raízes étnicas de seus integrantes. Estas categorizações e registros, de certa forma, contribuíram para fixar noções, que passaram a ser amplamente utilizadas e reproduzidas como “definições oficiais” por demais pesquisadores, representantes do poder público, agentes da Indústria Cultural, bem como pelos próprios atores sociais destas expressões. Atualmente, alguns destes aspectos, no entanto, passaram a ser ressignificados e utilizados como uma espécie de sinal diacrítico ou de afirmação política da diferença, frente a tensões e disputas simbólicas envolvendo diferentes atores sociais e grupos que surgiram na contemporaneidade reproduzindo e reivindicando práticas e sentidos tradicionalmente associados aos maracatus.

[Trabalho completo](#)



## Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

### Realização:



### Apoio:



### Organização: